

O PAPEL DA ESCOLA NO COMBATE ÀS DROGAS

Lucila Akiko Nagashima*
lucilanagashima@uol.com.br
Shalimar Calegari Zanatta**
shalicaza@yahoo.com.br
Emerson Pereira Branco***
ems_branco@hotmail.com

RESUMO

Este artigo discute o papel da escola frente ao consumo de drogas por estudantes jovens e adolescentes. A base dessa discussão está pautada nos resultados de uma pesquisa qualitativa sobre o uso de drogas por alunos de um Colégio Estadual do Município de Nova Esperança, noroeste do Estado do Paraná. A pesquisa resultou num conjunto de ações interdisciplinares adotadas pela comunidade escolar como recursos de combate às drogas lícitas e ilícitas. Um questionário diagnóstico, composto por oito perguntas, foi aplicado aos 1.500 alunos do colégio com o objetivo de conhecer a realidade local, identificando o perfil do usuário, suas motivações, lugares de maior consumo, drogas mais consumidas, idade de iniciação e capacidade de deixar o consumo. Os dados aqui obtidos estão em acordo com os referenciais teóricos apontados pela literatura vigente. Ou seja, 22% dos alunos se declararam usuário de algum tipo de droga. O álcool é a droga preferida para 30% dos estudantes, seguida pelo tabaco, com 20% da preferência, e maconha, 9%. O consumo teve início entre 10 e 15 anos para 40% dos estudantes entrevistados e, entre 15 e 20 anos, para 43% deles. O consumo ocorre em qualquer lugar, mas há um destaque para festas e ruas, com 45% de probabilidade para cada. Esses dados nos levam a refletir sobre o papel social da escola na temática apontada na perspectiva das pedagogias críticas. Assim, descrevemos um plano de ações de caráter interdisciplinar como forma de prevenção e combate ao uso de drogas.

Palavras-chave: drogas; escola; projeto interdisciplinar.

1 INTRODUÇÃO

O aumento da utilização de substâncias que causam dependência química em crianças, jovens e adolescentes deve ser considerado pela comunidade escolar. Fatores como, o surgimento de drogas economicamente acessíveis como o *crack*¹, a inoperância do poder público na efetividade do cumprimento da lei e a corrupção do sistema de proteção à sociedade, aliados às especificidades características da idade, como curiosidade, problemas familiares, influência de amigos, falta de informação, entre outros, fazem dos jovens o principal alvo desse comércio. Quando esses jovens frequentam a escola, esse espaço passa a

* Doutorado em Engenharia Química pela Universidade Estadual de Maringá; professora Adjunto da Universidade Estadual do Paraná, Brasil.

** Mestrado e doutorado na área de Física da Matéria Condensada; pós-doutorado pela Universidade Estadual de Maringá. É professora Adjunto D da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Paranavaí, Brasil.

*** Especialista em Educação e Gestão Ambiental; professor de matemática - Secretaria de Estado da Educação e está no cargo de Diretor do Colégio Estadual São Vicente de Paula de Nova Esperança, Paraná, Brasil.

¹ Crack – droga ilícita, psicoativa de ação estimulante do sistema nervoso central. O crack é um subproduto da pasta da cocaína, droga extraída por meio de processos químicos, das folhas da coca (*Erythroxylum coca*), uma planta originária da América do Sul.

ser uma referência importante tanto para os possíveis acessos para o uso, quanto para a veiculação de informações dos prejuízos que seu uso pode causar ao ser humano.

Como exemplo disso, o álcool e o cigarro, mesmo comercialmente proibidos para menores de 18 anos, são adquiridos facilmente por jovens em bares localizados nos arredores das escolas como resultado da falta de consciência do comerciante em consonância com a permissividade e inoperância do Estado.

Segundo Bucher (1996) citado por Paulilo e Jeolás (2008), a disseminação das drogas é devido à combinação de três fatores: o produto, a personalidade e o momento sociocultural. A demanda por drogas não é apenas consequência de sua oferta, mas também de uma procura deliberada, nem sempre consciente, de parcelas crescentes da população, cuja motivação principal se encontra na fuga de cerceamentos múltiplos.

De acordo com Medeiros (2008), a droga está associada ao perigo, à violência, às imagens estereotipadas e deve ser combatida. E, dado a situação descrita, uma das formas de combate é a informação. Acredita-se que essa informação deve ocorrer de diferentes maneiras, por diferentes meios de comunicação ou órgãos sociais. Quanto maior o envolvimento dos segmentos sociais, maiores as chances de intervir em determinados comportamentos juvenis, elaborar narrativas coletivas, simbólicas e absolutas.

A vulnerabilidade das crianças e adolescentes não está em sua essência ou algo inerente a elas, mas às condições e circunstâncias, que podem ser minimizadas ou revertidas. Quanto menos acesso à educação e à saúde, quanto mais marginalizados e excluídos, menos recursos os indivíduos terão para elaborarem suas escolhas de vida, portanto serão mais vulneráveis ao uso de substâncias psicoativas (PAULILO; JEOLÁS, 2008).

Nesse contexto, qual deve ser o papel da escola? Como a escola deve se posicionar diante da temática apontada? Como este espaço social deve promover sua intervenção?

Não há uma resposta consensual para estas questões. As possíveis respostas envolvem abordagens pedagógicas, sociais, culturais e políticas, nem sempre explícitas. Investigações apontam que existe forte influência das políticas neoliberais nos processos educacionais (GALUCH; SFORNI, 2011).

Uma análise das metodologias pedagógicas revela que a educação sempre manteve relação direta com o capitalismo (TAYLOR, 1990). O Brasil, assim como outros países, está em consonância com as políticas neoliberais, ditadas pelo relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, do relator Jacques Delors. Esse relatório deixa claro que o papel da escola é o de promover a tolerância de uma sociedade marcada pela divisão de classe e pela desigualdade social (GALUCH; SFORNI, 2011).

A partir de 1990, com a Declaração Mundial de Educação para Todos, a escola assumiu o papel socioeducativo com a função de acolhimento social. Uma das consequências disso foi a valorização do ‘conhecimento não escolar’ em detrimento do ‘conhecimento escolar’ (MIRANDA; MAIO, 2012).

Os princípios neoliberais enfatizam a formação de valores e a coesão social em detrimento da formação de competências e habilidades para formar o cidadão crítico com capacidades de adquirir autonomia pela aquisição do conhecimento. Assim, o papel da escola é aprimorar o conhecimento do aluno de acordo com sua própria visão de mundo, sem promover mudanças de paradigmas.

Além das interferências das políticas neoliberais, no Brasil, em particular, as políticas públicas educacionais efêmeras e transitórias, corroboram com a fragmentação do trabalho docente e com o esvaziamento do currículo em detrimento da ênfase exagerada do papel social da escola. Quanto maior a complexidade sem padronizações, maior a multiplicidade de situações.

Para Krasilchik (2001), as mudanças repentinas nas diretrizes curriculares têm confundido o professor, tornando-o inseguro e despreparado, porque, cada vez que ocorre uma mudança na legislação ou no currículo, o educador se sente pressionado a abandonar as suas crenças e práticas pedagógicas anteriores.

Por outro lado, as pedagogias críticas defendem que a escola deve apregoar as desigualdades sociais como consequência das disputas entre classes. O impasse está no papel da escola entre promover o entendimento das disputas de classes ou promover a aceitação das diferenças. Nesse cenário, o papel principal e majoritário da escola é o de transmitir o conhecimento cientificamente acumulado pela humanidade e a partir daí, promover o desenvolvimento das habilidades e competências cognitivas, formando cidadãos pensantes, críticos e com capacidade para resolver problemas.

Diante das contradições no papel da escola, percebe-se a confusão no trabalho pedagógico, resultando no esvaziamento do conhecimento científico.

Na escola neoliberal trabalha-se os conteúdos a partir de tematizações da atualidade, com finalidades práticas, para atender a problemática social. Um exemplo clássico dessa metodologia é verificado nos projetos de ‘Educação Ambiental’ onde temáticas como reciclagem do lixo, poluição, dengue, são constituídas de ações e métodos repetitivos sem nenhuma abordagem acerca dos conhecimentos científicos que esses temas englobam (SANTINELO et al., 2016). Nessa dinâmica metodológica, a escola preocupada com os problemas sociais e com a proximidade entre os conteúdos e o cotidiano do aluno, atende aos

anseios do capitalismo mantendo as diferenças sociais pela transmissão do “conhecimento dos poderosos” e não do “conhecimento poderoso”, como distinguido por Young, (2007) apud Miranda e Maio (2012).

A ausência do consenso sobre os limites do papel da escola resulta num sistema composto por inúmeras ilhas com diferentes perspectivas sociais, onde as escolas ficam a mercê das efemeridades das políticas locais (MIRANDA; MAIO, 2012).

Entre esses dois pontos antagônicos, ditados pelas pedagogias neoliberais e pelas pedagogias críticas, o processo de ensino e aprendizagem deve encontrar seu espaço de equilíbrio. Assim, a escola deve ficar atenta à decadência moral e cultural de uma sociedade devido ao aumento do consumo de drogas, além de ser responsável pela transmissão dos conteúdos “poderosos”.

Então, a pergunta é: como a escola deve trabalhar com a questão das drogas no contexto das pedagogias críticas?

A prevenção e o combate ao consumo de drogas lícitas e ilícitas, em todas as esferas, incluindo escolas públicas e privadas, é uma tarefa árdua, complexa e extremamente desafiadora. Exige estudos e conhecimento do tema, requer ainda uma dedicação profunda dos envolvidos, articulação entre diversos setores da sociedade e deve ser objeto de constante discussão para não cair na teia complexa das políticas neoliberais.

Nesse sentido, este artigo relata as ações definidas por um projeto interdisciplinar para o combate às drogas na perspectiva das pedagogias críticas. Trata-se de uma ação que teve início no diagnóstico da realidade local e a partir disso desenvolveu atividades, na perspectiva das pedagogias críticas, que resultaram num espaço de discussões e conscientização, oportunizando aos alunos usuários de substâncias ilícitas, a busca por ajuda.

O campo de ação foi o maior Colégio Estadual do município de Nova Esperança, região noroeste do Estado do Paraná. O referido colégio, localizado na região central, oferece cursos de Ensino Fundamental, Médio, Ensino Técnico Profissionalizante e o Curso de Formação de Docentes, totalizando 1.500 alunos oriundos da zona rural e urbana, entre os três períodos de funcionamento (manhã, tarde e noite).

2 O CONSUMO DE DROGAS E A SOCIEDADE

A utilização de drogas acompanha a história do desenvolvimento humano. As primeiras drogas eram naturais, extraídas de plantas, utilizadas para aumentar o prazer,

diminuir as dores, angústias, sofrimentos, aflições e até mesmo para a cura de doenças (PARANÁ, 1996).

As drogas naturais, para tratamento terapêutico, foram se perdendo a partir do século V, quando Galeno, médico do imperador Marco Aurélio e de toda a corte romana, buscava tratamentos de efeitos imediatos. Para satisfazer as exigências dos nobres em obter a cura imediata e sem restrições alimentares ou tratamentos longos e penosos, surgiram as drogas sintéticas (RONAN, 2001).

Das drogas sintéticas, utilizadas para a cura, para as drogas com alto poder de causar euforia e gerar dependência química e, conseqüentemente ser explorada pelo comércio ilícito, foi um caminho curto e que vem sendo cada vez mais explorado.

Os impactos psicológicos promovidos pela Segunda Guerra Mundial foram responsáveis pelo aumento do uso de drogas. Diversas substâncias psicoativas começaram a ser utilizadas como uma forma de fugir da insegurança, da angústia e da depressão, causadas pelos horrores da guerra. Nos anos seguintes, o consumo de drogas aumentou consideravelmente entre crianças, jovens e adolescentes (PARANÁ, 1996).

Atualmente é muito difícil relacionar todas as drogas em uso, uma vez que o número dessas substâncias vem crescendo exponencialmente. Para Zaluar (1994), os valores hedonistas, típicos de uma sociedade pós-moderna como a nossa, coloca o prazer individual e imediato à frente das preocupações sociais, o que favorece o uso das substâncias psicoativas.

Segundo Castelões (2002) apud Ferreira et al. (2008), no Brasil, uma pesquisa realizada pela Secretaria Nacional Antidrogas – SENAD e pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID aponta que 11,2% da população são dependentes de bebida alcoólica, 9% de tabaco e 1% de maconha. Em outra pesquisa, o índice de utilização, pela população, encontrado para o álcool, foi de 53,2% e 39% para o tabaco. Entre os adolescentes 35% declararam já ter experimentado bebidas alcoólicas, 15,8% tabaco e 3,9% maconha (CARDIA; SCHIFFER, 2000 apud FERREIRA et al, 2008).

Quando se compara os valores encontrados pelo I e II LENAD – Levantamento Nacional de Álcool e Drogas, realizados em 2006 e 2012, respectivamente, percebe-se que o consumo de álcool aumentou em média 20%, principalmente entre as mulheres (INPAD, 2013).

Quanto ao tabaco, o II LENAD indicou uma redução dos índices de consumo, ao contrário do consumo da maconha. De acordo com o estudo, mais de 60% dos usuários de maconha experimentaram a droga pela primeira vez antes dos 18 anos de idade (INPAD, 2013).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou, em 2015, a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE) em parceria com o Ministério da Saúde e com apoio do Ministério da Educação para avaliar o consumo de substâncias psicoativas entre os estudantes de 13 a 17 anos de idade (BRASIL, 2016). De acordo com a pesquisa, 55,5% dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental, entrevistados, declararam já ter consumido álcool e 9,0% deles declararam já terem utilizado drogas ilícitas. A pesquisa revelou que estes índices aumentam com a faixa etária investigada. Outro dado revelado foi que 22,9% dos estudantes declararam que já foram transportados em veículos motorizados dirigidos por motoristas que tinham consumido bebida alcoólica (BRASIL, 2016).

Segundo Schmidt e Espindola (2013), um estudo realizado pelo Ministério da Saúde em hospitais públicos revelou que o consumo do álcool tem forte impacto nos atendimentos de urgência e emergência do Sistema Único de Saúde (SUS). O levantamento aponta que uma em cada cinco vítimas de trânsito, atendidas nos prontos-socorros brasileiros ingeriram bebida alcoólica.

Para Noto e Galduróz (1999) apud Casela et al (2014), um dos primeiros passos para a formulação de um projeto de prevenção ao uso de drogas é o conhecimento do perfil da população alvo da intervenção, isso porque as características e as necessidades da comunidade, onde se pretende atuar, devem ser consideradas e respeitadas. As práticas preventivas devem ser pensadas e planejadas de forma abrangente, incluindo aspectos que envolvem o uso de drogas, o usuário e o meio social no qual ele está inserido.

As ações de prevenção podem se tornar mais efetivas quando são integradas com outras propostas, pois possuem uma continuidade e contemplam nas abordagens educativas, a interface entre a saúde e a educação. Casela et al (2014) apontam que o desenvolvimento de parcerias entre a escola, a família dos alunos e a comunidade têm apresentado bons resultados. As práticas preventivas devem se pautar na diminuição dos fatores de risco ao uso de drogas, no fortalecimento e na criação de estratégias que protejam os alunos e em abordagens de mudança de crenças e atitudes em relação ao tema (CASELA et al, 2014).

3 METODOLOGIA – PERFIL DA AMOSTRA

O Colégio Estadual em estudo está localizado no município de Nova Esperança, noroeste do Estado do Paraná e dista 467 km da capital do Estado – Curitiba. Sua população é estimada em 27.986 habitantes (IPARDES, 2016).

Apesar de ser um município considerado de pequeno porte, em 2010, o Colégio sentiu necessidade de desenvolver um projeto educacional que abordasse o tema das drogas.

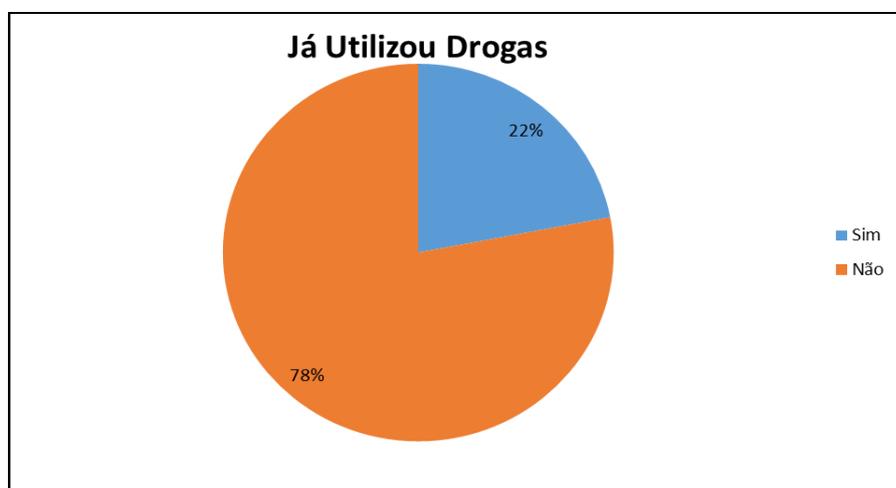
Foi aplicado um questionário qualitativo, o qual os alunos deveriam responder oito perguntas, sem se identificarem. Ao longo de uma semana todos os alunos, em todas as turmas, nos três períodos de aula, abrangendo o Ensino Fundamental II, o Ensino Médio, o Ensino Profissionalizante Integrado e Subsequente, totalizando 1.500, responderam o questionário.

Na sequência, o projeto abordou temas significativos para o contexto das drogas, embasados numa fundamentação teórica para subsidiar o conhecimento como forma de prevenção das mesmas. Foram abordados, de forma interdisciplinar, conteúdos específicos em todas as disciplinas, como por exemplo: a origem das drogas; as fórmulas químicas e as reações no organismo; formas de produção; relação entre a condição social e consumo; motivações para o uso; tráfico, violência e crime; músicas e apologia ao uso de drogas; comércio, causas e efeito; estatísticas; vida saudável e prevenção; entre outros.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As Figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6 exibem os resultados que representam as respostas dos alunos ao questionário aplicado.

Figura 1 – Percentual de alunos que declararam fazer uso de algum tipo de drogas



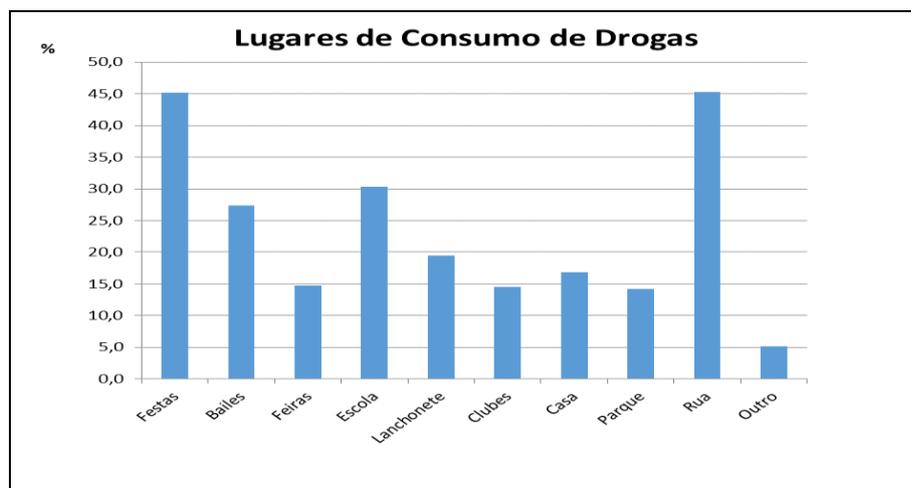
Fonte: autores.

O gráfico da Figura 1 representa o percentual (22%) de alunos que declararam que, em algum momento de sua vida, experimentaram algum tipo de droga. Esse índice ficou próximo de outros autores, como Galduróz et al. (2004) e Duarte et al (2009) que pesquisaram o uso de drogas entre estudantes brasileiros na faixa de 15 e 16 anos. Assim, como Carlini et al. (2010) que encontraram percentual de 24,2% entre estudantes brasileiros de escolas públicas.

Esses números sugerem que as drogas não são problemas das cidades de grande porte, pois está presente em todas as cidades, independente do número de habitantes.

O gráfico da Figura 2 representa os lugares de maior consumo de drogas, como observados e apontados pelos alunos. Como pode ser observado, a maioria deles apontou mais de um local para o consumo de drogas; no entanto, a predominância é nas festas e ruas, cujo índice chega a ser 45% para cada um desses locais. Isso demonstra que a fiscalização é falha ou inexistente e tal fato pode ser comprovado pelo consumo de drogas em lanchonetes, clubes e até mesmo dentro de casa, revelando que a vigilância da família é tão falha quanto a vigilância do poder público.

Figura 2 – Relação dos lugares onde as drogas são mais consumidas



Fonte: autores.

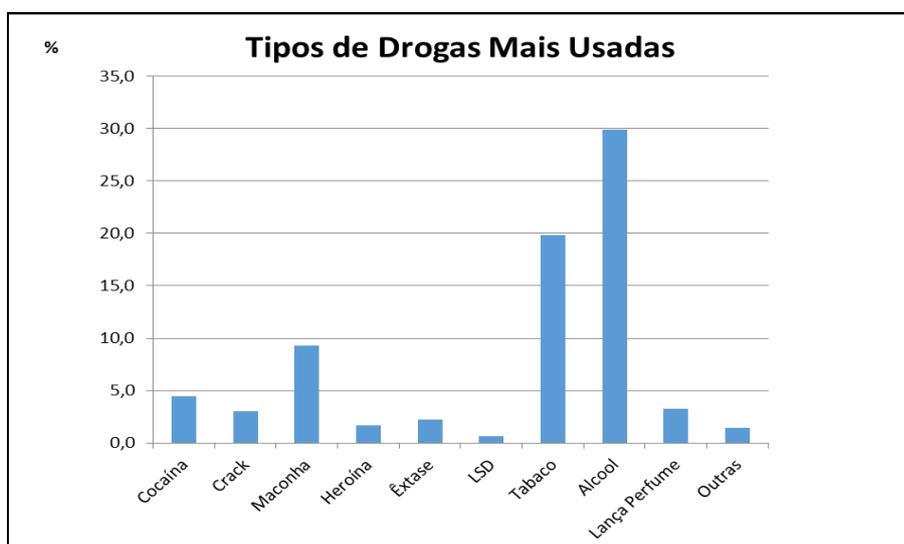
A Figura 3 mostra o percentual de consumo de cada droga citada pelos alunos. O álcool e o tabaco, com 30% e 20%, respectivamente, foram as drogas mais citadas.

É fato que as crianças convivem com o uso destas drogas em ambientes sócio-familiares, geralmente em situações de festividade e confraternização. Desta forma, a mensagem que vai sendo “transmitida na educação familiar destas crianças é a de que tais hábitos integram o conjunto dos outros hábitos que a eles foram ensinados e, portanto, fazem parte da convivência e integração social” (ALMEIDA FILHO et al, 2007, p. 608).

Com relação às drogas ilícitas, a maconha ficou em 1º lugar com 9%, seguida pela cocaína com 4%, o que representa 60 indivíduos da amostra. Os problemas sociais que esses indivíduos trazem à sociedade, inclusive para o ambiente escolar, são incomensuráveis e esforços devem ser somados para minimizar ou até mesmo zerar esse porcentual.

Esses valores são semelhantes aos resultados das pesquisas apresentados por Cardia e Schiffer (2000) apud Ferreira et al. (2008), nos quais 35% dos adolescentes declaram ter experimentado bebidas alcólicas, 15,8% tabaco e 3,9% maconha.

Figura 3 – Drogas mais utilizadas, como declarado pelos alunos

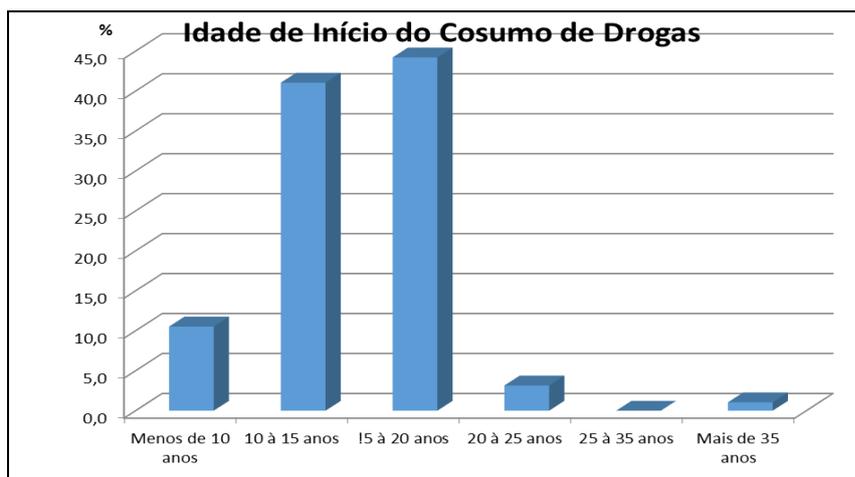


Fonte: autores.

A idade de iniciação está entre 15 a 20 anos para 43% dos alunos, seguido pela faixa etária de 10 a 15 anos (40%). No entanto, 9% deles declararam ter iniciado com menos de 10 anos, como podemos observar na Figura 4. Segundo Almeida Filho et al (2007), o uso precoce de substâncias psicoativas aumenta o risco de dependência futura. Elicker et al (2015) encontraram relatos de adolescentes com 12-13 anos consumindo álcool e 13-15 anos experimentando o tabaco.

Para Carlini et al (2010), a variação da idade para o início da experimentação das drogas lícitas é muito estreita, sendo que o primeiro consumo costuma ocorrer em torno dos 13 anos de idade e para as drogas ilícitas entre os 14 e 15 anos.

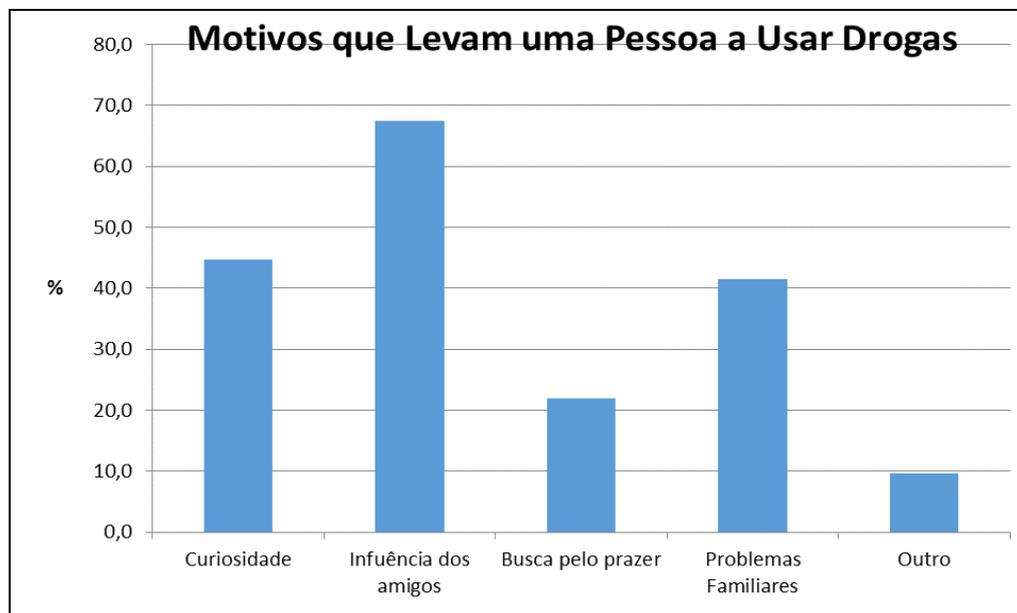
Figura 4 – Idade para o início do consumo de drogas



Fonte: autores.

Na Figura 5 destaca-se os motivos que levaram os alunos, como apontados por eles, ao consumo das drogas. Como pode ser observado, a influência de amigos é apontada como a principal causa, com 68%; seguida da curiosidade, 42%; problemas familiares, 41% e a busca pelo prazer, com pouco mais de 20%. Com exceção dos problemas familiares, a escola pode modificar de forma direta os paradigmas que atuam como motivadores do consumo de drogas.

Figura 5 – Motivos que levam os alunos ao consumo de drogas



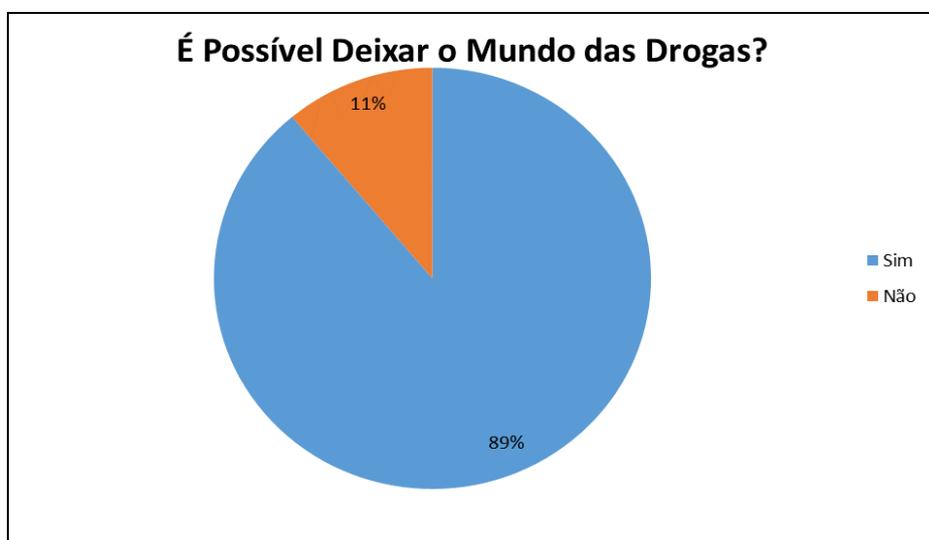
Fonte: autores.

Para Elicker et al (2015), a adolescência é a faixa etária de maior vulnerabilidade para experimentação e uso abusivo de drogas, e os motivos que levam ao aumento do uso dessas substâncias são diversos e complexos. Alguns fatores são a sensação juvenil de onipotência, o desafio à estrutura familiar e social, e a busca de novas experiências. Franco e Rodrigues

(2014) afirmam que quanto maior o número de fatores de risco vivenciados, maior é a chance de o adolescente consumir drogas, o que pode acarretar além de consequências negativas para a saúde e para a vida, muitos prejuízos nas relações sociais e familiares, além de problemas legais e com a justiça.

A Figura 6 confirma o sentimento de onipotência dos jovens, uma vez que 89% apontam que abandonariam o vício assim que o desejassem. No entanto, a experiência empírica mostra que em muitas vezes, eles já são dependentes, principalmente os que fazem uso do *crack*.

Figura 6 – Percentual dos que acreditam ser possível deixar as drogas.



Fonte: autores.

Esses resultados exigiram ações imediatas por parte da comunidade escolar e várias ações foram realizadas:

- i- Formação de uma Comissão Antidrogas composta por professores, pedagogos e alunos para organização de ações de combate às drogas;
- ii- Envolvimento com a sociedade. Palestras; divulgação de artigos de opinião e outros tipos de textos escritos pelos alunos e educadores; confecção de cartazes, faixas, gráficos, entre outros. Encaminhamento de ofícios às autoridades, igrejas, jornais e conselhos municipais solicitando a abordagem da temática em suas reuniões e celebrações;
- iii- Busca de parcerias com outras instituições públicas e privadas para: trabalho de orientação e prevenção ao uso de drogas; apoio às atividades desenvolvidas no Colégio pelos educadores; e fortalecimento da Rede de Proteção às Crianças, Jovens e Adolescentes do Município de Nova Esperança.

iv- Exigência do cumprimento da lei. Foram entregues ofícios em bares e lanchonetes próximos à escola, exigindo o cumprimento de lei que proíbe a venda de bebida alcoólica para menores de 18 anos;

v- Visita dos alunos ao centro de tratamento para recuperação de dependentes químicos;

vi- Reuniões com a Promotoria Pública e com a Promotoria da Infância e Juventude para requerer mais efetivo policial para o município e intensificar o patrulhamento no entorno do Colégio e nos locais mais suscetíveis ao consumo de álcool e drogas ilícitas. Reuniões com os vereadores do município solicitando a elaboração e aprovação de projetos de esporte, cultura e lazer, com o intuito de oferecer às crianças, jovens e adolescentes uma atividade saudável fora do horário escolar; reunião com o Presidente do Conselho Municipal Antidrogas para solicitar recursos e apoio para novas ações;

vii- Fiscalização da verba pública. Verificação dos recursos municipais destinados para fins de proteção à criança e adolescentes.

Essas ações resultaram em muitas conquistas, como: a elaboração de um termo de cooperação firmado entre Ministério Público do Estado do Paraná, a Polícia Militar, o Conselho Tutelar do município e a Secretaria Municipal de Assistência Social, objetivando efetivar fiscalização em torno do Colégio com tomada de medidas quando necessário; Apoio dos meios de comunicação: Jornal Noroeste, Jornal O Regional, Revista A Regional para a divulgação das atividades que foram desenvolvidas.

A escola foi o espaço responsável em promover discussões em torno de um tema social que deve receber atenção de toda comunidade, ressaltando que cada professor abordou o tema relacionando-o com conteúdos específicos de sua área. O caráter social exercido pela escola não deve impedir de cumprir com seu papel de transmitir os “conhecimentos poderosos”, ou conhecimentos acumulados pela humanidade.

As discussões promovidas sobre o tema esclareceram que os alunos valorizam os saberes quando abordados com coerência e profundidade.

Deve-se ressaltar que as políticas neoliberais produzem o esvaziamento do currículo e uma consequência disso é que a escola se envolve em campanhas sociais reproduzindo apenas o conhecimento midfático (GALUCH; SFORNI, 2011). Essa dinâmica pedagógica é principalmente verificada em campanhas relacionadas à Educação Ambiental. Nesse contexto, os professores repetem os problemas como apontados pela mídia e fazem uma abordagem superficial dos temas envolvidos (SANTINELO, 2016).

O desenvolvimento do projeto permitiu que alguns alunos, que já eram usuários de drogas ilícitas, pedissem ajuda de profissionais, os quais foram encaminhados para associações e órgãos a fim de receberem tratamento e recuperação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises desses questionários mostraram que o acesso às drogas é facilitado para jovens de todas as faixas etárias. Outro aspecto identificado é que muitos pais não têm subsídios teóricos para justificar e explicar para seus filhos os porquês dos prejuízos que as drogas podem causar. A proibição sem explicações, aliada ao caráter polêmico natural do jovem, tornariam ingredientes estimulantes para a experimentação da droga, conforme ficou claro nas discussões promovidas. Segundo eles, as crianças e jovens não aceitam mais conselhos embasados no “porque sim” ou no “porque não”, é preciso que a Escola subsidie as explicações científicas que permeiam o tema.

Porém, não são apenas essas informações que inibem os jovens de experimentar e fazer uso das drogas. Motivos mais complexos fazem parte dessa equação, tais como: insegurança, amizade, aceitação, entre outros. É importante o envolvimento de toda comunidade, principalmente do poder público na efetiva fiscalização e no desenvolvimento de projetos que ofereçam atividades que ocupem as crianças e jovens corroborando para sua integridade física e emocional.

No entanto, essas ações isoladas ainda não dão conta de afastar completamente as crianças e os jovens do vício das drogas. Questões que permeiam problemas financeiros como as dificuldades econômicas de uma sociedade dividida pelas classes sociais, a desestrutura familiar e o desemprego, caminham na contramão de qualquer trabalho pedagógico ou social de uma localidade. É preciso agir para minimizar o problema e para que isso ocorra é fundamental ter conhecimento da realidade dos educandos e de suas famílias. No entanto, é imprescindível salientar que a educação formal é um dos recursos através da qual se efetua a conscientização e a prevenção; e, a escola, é a via natural para os esforços de prevenir o uso de drogas entre alunos, contando com professores atuantes, capazes de transmitir o conhecimento químico, histórico, psicológico, matemático e político, entre outros relacionados ao tema.

THE SCHOOL ROLE IN COMBATING DRUGS

ABSTRACT

This article discusses the role of school in the face of drug use by young students and adolescents. The basis of this discussion is based on the results of a qualitative research on the use of drugs by students of a College of the county of Nova Esperança, northwest of the State of Paraná. The research resulted in a set of interdisciplinary actions adopted by the school community as resources to combat licit and illicit drugs. A diagnostic questionnaire, composed of eight questions, was applied to the 1,500 students of the college with the purpose of knowing the local reality, identifying the user profile, their motivations, places of greatest consumption, drugs most consumed, age of initiation and ability to leave Consumption. The data obtained here are in agreement with the theoretical references pointed out in the current literature. That is, 22% of students declared themselves users of some type of drug. Alcohol is the drug of choice for 30% of students, followed by tobacco, with 20% preference, and marijuana, 9%. The consumption began between 10 and 15 years for 40% of the students interviewed and, between 15 and 20 years, for 43% of them. Consumption occurs anywhere, but there is a highlight for parties and on the streets, with a 45% probability for each. These data lead us to reflect on the social role of the school in the theme pointed out in the perspective of critical pedagogies. Thus, we describe a plan of actions of interdisciplinary character as a form of prevention and combat to the use of drugs

Keywords: drugs; school; interdisciplinary project.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, A. J. et al. O adolescente e as drogas: Consequências para a Saúde. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, Rio de Janeiro, dez. 11(4) 2007, p. 605-610.

BRASIL. **Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2015**. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 132 p.

CARLINI, E. L. A. et al. **VI levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras 2010**. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo 2010. Brasília – SENAD, 2010, 503p.

CASELA, A. L. M. et al. As práticas de prevenção ao uso de drogas no Brasil. In: ROZANI, T. M. SILVEIRA, P. S. (Orgs.). **Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar**. Juiz de Fora: Editora UFIF, 2014, p. 39-48.

DUARTE, P. C. A. V.; STEMPLIUK, V. A.; BARROSO, L. P. (Orgs.). **Relatório brasileiro sobre drogas**. Brasília: SENAD, 2009, 48p.

ELICKER, E. et al. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, 2015, p. 399-410.

FERREIRA, H.; SOUSA, J. L.; CUBAS, V. Crimes e drogas: consumo e tráfico. In: PARANÁ. **Prevenção ao uso indevido de drogas: cadernos temáticos desafios educacionais contemporâneos**. Curitiba, 2008, p. 61-71.

FRANCO, G. R.; RODRIGUES, M. C. Ensino de habilidades de vida: uma estratégia de prevenção e promoção da saúde na adolescência. In: ROZANI, T. M.; SILVEIRA, P. S.

(Orgs.). **Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar**. Juiz de Fora: Editora UFIF, 2014, p. 71-90.

GALDURÓZ, J. C. F. et al. **V levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras 2004**. Universidade Federal de São Paulo; Escola Paulista de Medicina; Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas; Secretaria Nacional Antidrogas, 2004. 398p.

GALUCH, M. T. B.; SFORNI, M. S. de F. Interfaces entre políticas educacionais, práticas pedagógicas e formação humana. **Praxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 55-66, 2011.

INPAD. **Instituto nacional de ciência e tecnologia para políticas públicas do álcool e outras drogas**. 2013. Disponível em: <<http://inpad.org.br/lenad/>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

IPARDES. **Instituto paranaense de desenvolvimento econômico e social**. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=30>. Acesso em: 06 out. 2016.

KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2011.

MEDEIROS, R. Cenário das drogas na sociedade contemporânea. In: PARANÁ. **Prevenção ao uso indevido de drogas: cadernos temáticos desafios educacionais contemporâneos**. Curitiba, 2008, p. 17-25.

MIRANDA, A. C. T.; MAIO, E. R. Educação na contemporaneidade e formação humana: algumas considerações. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE, 11, mai. 2012, Maringá. **Anais ... Maringá, UEM**, 2012.

PARANÁ. **Paraná livre das drogas**. Secretaria da Justiça e da Cidadania. Manual de Prevenção ao Abuso de Drogas pela Educação. Curitiba, 1996, 72p.

PAULILO, M. Â. S.; JEOLÁS, L. S. Jovens, drogas, riscos e vulnerabilidade: aproximações teóricas. In: PARANÁ. **Prevenção ao uso indevido de drogas: cadernos temáticos desafios educacionais contemporâneos**. Curitiba, 2008, p. 27-38.

RONAN, C. **História ilustrada da ciência**. Universidade de Cambridge. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001, 136p.

SANTINELLO, P.C.C., ROYER, M. R., ZANATTA, S. C. A educação ambiental no contexto preliminar da Base Nacional Comum Curricular. **Pedagogia em Foco**. Iturama, MG, v. 11, p. 104-115, 2016.

SCHMIDT, F.; ESPINDOLA, C. **Álcool está relacionado a 21% dos acidentes no trânsito**. Portal da Saúde. Ministério da Saúde. 2013. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/principal/agencia-saude/noticias-antiores-agencia-saude/3280->>. Acesso em: 20 abr. 2017.

TAYLOR, F. W. **Princípios da administração científica**. Traduzido por Arlindo Vieira Ramos. 8. ed. São Paulo: Atlas, 1990, 103p.

ZALUAR, A. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: Revan Editora UFRJ, 1994, 278p.

Recebido em 31 de outubro de 2016. Aprovado em 23 de março de 2017.